

Trajetórias de professoras que frequentaram o Curso Superior de Cultura Pedagógica: um olhar a partir da revista *Vida Capichaba* nas décadas de 1920 e 1930

Trajectories of teachers who attended the Higher Education Course in Pedagogical Culture: a look from the magazine *Vida Capichaba* in the 1920s and 1930s

Rosianny Campos Berto¹

Fernanda Maria Oliveira da Costa²

Resumo: Analisa elementos das trajetórias pessoais de professoras que frequentaram o Curso Superior de Cultura Pedagógica (CSCP), realizado entre 1929 e 1930, em Vitória/ES, como parte da reforma educacional proposta pelo governo de Aristeu Borges de Aguiar (1928-1930). Toma como fonte principal a revista *Vida Capichaba* (1923-1957), que, nascida em meio a um movimento modernista mais amplo, tematizava questões da vida social, cultural e urbana do estado do Espírito Santo e da cidade de Vitória. Dialoga, também, com o jornal *Diário da Manhã* (1923-1939) e com documentos governamentais. As fontes são analisadas no seu entrecruzamento, tendo em conta as relações de força que envolvem sua produção e o *hors texte* (GINZBURG, 2002). Conclui que as professoras cursistas do CSCP eram filhas da elite local, em meio à qual tiveram ampla circulação, ao mesmo tempo que trilharam caminho de inserção educacional, como participantes das discussões e dos processos de disseminação das ideias de reformulação do ensino.

Palavras-chave: Reforma educacional; Revista *Vida Capichaba*; Curso Superior de Cultura Pedagógica.

Trajectories of teachers who attended the Higher Education Course in Pedagogical Culture: a look from the magazine *Vida Capichaba* in the 1920s and 1930s

Abstract: This study analyzes elements of the personal trajectories of teachers who attended the Higher Education Course in Pedagogical Culture, held between 1929 and 1930, in Vitória/ES, as part of the educational reform proposed by the government of Aristeu Borges de Aguiar (1928-1930). Its main source is the magazine *Vida Capichaba* (1923-1957) which, born amid a broader modernist

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes) e pesquisadora do Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação (Nucaphe).

² Mestranda do PPGE/Ufes e membro do Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação (Nucaphe).

movement, addressed issues of social, cultural and urban life in the state of Espírito Santo and the city of Vitória. It also dialogues with the newspaper *Diário da Manhã* (1923-1939) and with government documents. The sources are analyzed at their intersection, taking into account the power relationships that involve their production and the *hors texte* (GINZBURG, 2002). It concludes that the course's students and teachers were born from the local elite, in the midst of which they had wide circulation, at the same time that they followed paths of educational insertion, as participants in the discussions and in the processes of disseminating the ideas of teaching reformulation.

Keywords: Educational reform; *Vida Capichaba*; Curso Superior de Cultura Pedagógica.

Introdução

Este artigo objetiva analisar elementos das trajetórias pessoais de um grupo de professoras que participaram, entre 1929 e 1930, do Curso Superior de Cultura Pedagógica, realizado em Vitória/ES, como parte das intenções da reforma educacional de bases escolanovistas propostas por Attilio Vivacqua, secretário da Instrução do Estado do Espírito Santo, durante o governo de Aristeu Borges de Aguiar (1928-1930).

Como principal elemento da reforma, o curso teve como foco a formação de um grupo de profissionais da educação que deveria se constituir em um núcleo inicial de sujeitos que fossem capazes de cooperar com a reforma do ensino, atuando, principalmente, como multiplicadores dos novos métodos pelo Estado (VIVACQUA, 1930). Tendo como propósito a difusão dos ideais da Escola Nova, o curso, criado pelo Decreto nº 9.750, de 30 de agosto de 1929, funcionou como centro de irradiação desse ideário para a educação estadual, orientando-se, especialmente, pelos pressupostos da escola ativa de origem europeia.

Uma incursão em estudos anteriores³ indicou que 36 profissionais da educação capixaba se matricularam no curso e, entre eles, 19 eram mulheres. Todos haviam sido escolhidos ou indicados pelo secretário da Instrução para se tornarem propagandadores dos novos métodos de ensino no Estado.

Assim, como parte de uma proposta mais ampla de pesquisa⁴, este estudo parte da reflexão sobre a historiografia local que toma como referência uma educação pensada e produzida por homens. Busca garimpar as fontes⁵ no rastro das professoras que frequentaram o CSCP, à procura de elementos que nos ajudem a compreender quem eram e quais razões interferiram em sua escolha para frequentarem aquele que seria o mais importante espaço de formação dentro dos novos propósitos que envolviam a reforma da Instrução capixaba.

³ Referimo-nos aos estudos de Berto (2013) e Berto e Simões (2016).

⁴ Em proposta mais ampla temos buscado compreender o papel de professoras capixabas nos processos de reformulação e modernização do ensino ocorridos no estado entre as décadas de 1928 e 1937; recorte fundamentado nas iniciativas de modernização do ensino apontadas por estudos anteriores (BERTO, 2013; LAUFF, 2018), situadas entre as décadas de 1920 e 1930, nas quais se observam tentativas de reformulação da educação capixaba, sob alguma orientação escolanovista.

⁵ Esse movimento contou com o trabalho realizado na Iniciação Científica, por meio do Edital PIIC 2017/2018, com bolsa Ufes.

Ao questionar as razões e os modos como cada professor se torna o que é (ou que foi) e de que forma as características pessoais e os percursos profissionais desses sujeitos interferem em suas ações pedagógicas, Nóvoa (1995) nos coloca diante da impossibilidade de separar o eu pessoal do eu profissional, no processo constitutivo do ser professor. Assim, o que buscamos neste texto é atentar para elementos das trajetórias individuais de algumas dessas professoras, com o foco em sua circulação no meio social, como dados importantes para compreendermos, também, seus processos formativos e sua atuação na educação capixaba.

Para isso, tomamos como fonte principal a revista *Vida Capichaba* (1923-1957)⁶, cuja escolha se deve ao fato de ser um periódico que, tendo nascido em meio a um movimento modernista mais amplo, estava aberto às questões da vida social, cultural e urbana, trazendo em suas páginas elementos importantes para se compreender a mentalidade das camadas médias e da elite à qual pertenciam as professoras que frequentaram o curso. De modo particular, a escolha do periódico como ponto de partida para análise das trajetórias individuais das professoras também se relaciona com o fato de nele circularem temas sobre as mulheres. Como lembra Rangel (2011, p. 81), a temática do feminismo, por exemplo, encontrou espaço na *Vida Capichaba*:

Seja na publicação de notas informando sobre a obtenção de grau em curso superior de algumas de suas conterrâneas, seja na publicidade dada aos escritos literários femininos, seja por intermédio da seção de perguntas e respostas, em que promove a oportunidade de as intelectuais capixabas pronunciarem suas opiniões sobre tal movimento, seja ainda, e principalmente, por meio da publicação de artigos feministas.

Além disso, boa parte das capas era constituída por imagens de mulheres (NOVAES, 2013), seja por fotografias das moças e senhoras mais conhecidas localmente, seja em ilustrações que vinculavam as imagens das mulheres à moda e à beleza. Também se publicavam notícias em geral sobre elas, a quem se destinavam matérias, imagens e propagandas.

⁶ Publicação de maior expressividade e circulação da imprensa do Espírito Santo no período de 1923 a 1954, foi pioneira no Estado na divulgação de textos escritos por mulheres. Disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

Dialogamos, também, com o jornal *Diário da Manhã* (1923-1939)⁷, bem como com relatórios e mensagens governamentais, com a legislação e com o programa do CSCP. As fontes foram analisadas em seu entrecruzamento e com base nas proposições de Bloch (2001), para quem o ser humano precisa ser compreendido em seu tempo, o que, no caso desta investigação, implica entender os lugares de onde as professoras capixabas falavam, produziam e atuavam, mas também atentar para a sociedade patriarcal e cerceadora, na qual elas estavam inseridas, o que requer uma contínua crítica documental. Nesse sentido, Ginzburg (2002) nos chama a atenção para os processos de produção das fontes e as relações de força que interferem neles, bem como para a compreensão de que “[...] o que está fora do texto, está, também, dentro dele” (GINZBURG, 2002, p. 42).

Partindo dessas orientações, o texto se organiza em dois movimentos: o primeiro situa o Curso Superior de Cultura pedagógica como elemento dos investimentos governamentais e principal espaço de formação de uma elite educacional que seria responsável pela multiplicação do ideário da reforma; o segundo, destina-se a uma análise sobre quem eram essas professoras e como elas circulavam na revista *Vida Capixaba*, buscando compreender, pelo entrecruzamento das fontes, sua inserção social e seus vínculos pessoais no período entre as décadas de 1920 e 1930.

O Curso Superior de Cultura Pedagógica como centro irradiador de um ideário

Em 1929, o Espírito Santo contava com um total de 923 professores atuando nas escolas estaduais, dos quais 885 trabalhavam em escolas primárias e, muitos deles, em localidades do interior (VIVACQUA, 1930), onde as condições de trabalho eram, em boa parte dos casos, precárias. Considerando as limitadas condições financeiras do Estado e as dificuldades de acesso às escolas mais distantes, organizar um processo de formação que atingisse a todos esses professores ao mesmo tempo seria inviável.

Desse modo, a proposta foi promover a formação de um seleto grupo de profissionais da educação que atuavam como professores/as, inspetores e diretores/as de grupos escolares ou de escolas reunidas⁸, mas também como professores da Escola Normal D. Pedro II e de outras instituições, em diferentes localidades do Estado, que estivessem em exercício e que se dispusessem a cumprir os desígnios da reforma, espalhando a boa nova: os preceitos da escola ativa que se pretendia implantar.

Para o secretário da instrução, Attilio Vivacqua, a pretendida reformulação dos métodos dependeria da preparação prévia dos professores que os aplicariam (ESPIRITO SANTO, 1929). Assim, a reforma da Instrução de bases escolanovistas ensejada no estado do Espírito Santo entre 1928 e 1930 teve como orientação primordial a formação de professores que pudessem aplicar os métodos da escola ativa. Começava, então, a se desenhar um curso que, segundo seus idealizadores, estava fundamentado na mais alta orientação pedagógica e científica, que desse conta dessa formação.

O curso era fruto de um importante investimento governamental e envolvia a contratação de um conhecido e circulante professor paulista: Pedro Deodato de Moraes⁹. A ele seria conferida a responsabilidade por planejar, dirigir, ministrar as aulas e conduzir as práticas do curso, que teria lugar no Grupo Escolar Gomes Cardim: um prédio construído dentro dos moldes republicanos e especialmente aparelhado para atender às exigências dos novos métodos de ensino em circulação.

Foi criada nesse espaço a chamada Escola Activa de Ensaio, uma espécie de escola de aplicação na qual os professores em formação no CSCP – mas também estudantes das escolas normais de Vitória – poderiam aprender os novos métodos pela prática, em aulas com estudantes do Grupo Escolar e sob a supervisão de Deodato de Moraes, em salas-ambiente.

⁸ Havia no Estado três tipos de escolas: as chamadas escolas isoladas, que eram pequenas e se localizavam, geralmente, em vilas e na zona rural; as escolas reunidas, que funcionavam, também, em cidades e vilas, onde o número de escolas fosse entre duas e seis (passariam a funcionar no mesmo prédio e a ser dirigida por um dos professores) (ESPIRITO SANTO, 1924, apud BERTO, 2013); e os grupos escolares: instituições geralmente urbanas e que funcionavam em prédios especialmente construídos dentro dos moldes republicanos (NOVAES, 2013).

⁹ Deodato de Moraes estava vinculado às ideias escolanovistas que tiveram ampla circulação no meio nacional nos 1920 e 1930. Atuou como membro da Associação Brasileira de Educação (ABE) e como superintendente de ensino no Rio de Janeiro (BERTO; SIMÕES, 2016).

Aos cursistas, o governo se dispunha a dar o suporte necessário para a realização do curso: “Eles receberiam transporte gratuito até a Capital, se viessem do interior, e ajuda de custo para que tivessem condições de se dedicar inteiramente ao processo de formação” (BERTO, 2013, p. 152). Ao final, receberiam um certificado que poderia lhes render alguns direitos, entre os quais estavam: preferência para atuarem como diretores de grupos escolares e escolas reunidas, promoções diversas, participação em comissões, preferência para cargos de inspetores escolares e para atuarem como professores da Escola Normal (ESPIRITO SANTO, 1929).

Em busca da formação do professor que se considerava moderno, o curso focalizava o conhecimento científico sobre a criança e conhecimentos didáticos e sociológicos necessários à formação do professor. O Programa do curso dividia-se nas seguintes partes: “Pedagogia científica”, “Didactica”, “Escola activa” e “Questões technicas e sociaes”, que se compunham de uma extensa lista de conteúdos (BERTO; SIMÕES, 2016)¹⁰.

Matrícularam-se 36 profissionais da educação, entre professores, professoras e inspetores escolares – estes últimos todos homens. Entre esses professores, 35 eram pertencentes ao magistério estadual, dos quais 34 concluíram o curso. Integravam esse grupo 19 mulheres e é para algumas delas¹¹ que, neste texto, voltamos a nossa atenção.

As professoras que frequentaram oficialmente o CSCP e o concluíram foram as seguintes: Celia Pacheco Gonçalves, Custodia Gomes de Souza, Diva Neves, Ena Morgade Miranda, Enoé Rezende, Hilda Pessôa Prado, Ilda Grijó, Julia Lacourt Penna, Juracy Machado, Lydia Besouchet, Maria Amália Coutinho, Maria das Dores Paoliello, Maria Durvelina Calmon, Maria Luiza Netto, Maria Magdalena Pisa, Olavia Ramalho, Rita M. Torres, Rita Tosi Quintaes e Sylvia Neves¹². Júlia Lacourt Penna

¹⁰ O Programa e a organização do curso são apresentados e problematizados, com maiores detalhes, por Berto (2013).

¹¹ Como este texto focaliza a aparição dessas professoras na revista *Vida Capichaba* e nem todas elas aparecem nesse periódico, aqui serão problematizados elementos das trajetórias daquelas cujos nomes foi possível localizar até este momento.

¹² No decorrer das buscas, a partir das fontes disponibilizadas digitalmente, observamos que duas professoras tiveram seus nomes grafados de formas distintas, o que dificultou a precisão da obtenção das informações, exigindo atenção maior em alguns momentos. Foi, então, necessário relacionar mais de um dado biográfico dessas cursistas, a fim de que não cometêssemos algum equívoco. São os casos das professoras Hilda Grijó, cujo nome era ora grafado com a letra H ora

participou do curso como ouvinte, por não pertencer ao sistema estadual de ensino. Era proprietária e diretora de um colégio particular de mesmo nome. Os achados sobre as trajetórias pessoais e profissionais dessas professoras serão apresentados na sequência.

A imprensa local é rica em informações sobre a circulação de algumas dessas professoras, tendo em vista seu vínculo com os espaços ocupados na Educação, mas também sobre seu trânsito em espaços diversos da vida social, seja em períodos anteriores ao curso, seja posteriormente, quando assumiram cargos diversos no meio educacional ou ocuparam espaços de discussão política relativas à educação.

A presença das professoras que frequentaram o CSCP na revista *Vida Capichaba*

Os primeiros rastros sobre as trajetórias de vida das professoras que frequentaram o CSCP têm relação com suas aparições na imprensa local, especialmente em colunas sociais da revista *Vida Capichaba* (1925-1940)¹³, mas esses rastros também são perceptíveis em matérias jornalísticas, que indicam a circulação da maioria delas em espaços e instâncias da vida social.

Fundada em 1923, a revista *Vida Capichaba* possuía vínculos com o movimento modernista, que teve lugar na Semana de Arte Moderna de 1922. Um movimento que “[...] resultou no surgimento de diversas revistas de vanguarda” (NOVAES, 2013, p. 32). O periódico circulou no Estado até 1957 e, ao longo das mais de três décadas de existência, publicou 751 números.

Essa revista assistiu, de certo modo, a um paulatino processo de modernização da cidade de Vitória, ao longo desses anos. Novaes (2013), que investigou o modo como os grupos escolares eram representados nesse periódico, aponta a importância de se analisar a história e a organização material da revista, em busca de compreender de que maneiras ela fazia circular informações sobre a Educação. A autora informa que,

com a letra I; e a professora Ena Morgade Miranda, que também apareceu como Ena de Miranda Uchôa. O primeiro era seu nome de solteira e, o outro, o de casada.

¹³ A revista foi fundada por Manoel Lopes Pimenta e Elpidio Pimentel (MARTINUZZO, 2008).

Com relação aos aspectos gráficos, a revista era impressa em tamanho ofício e o seu interior repleto de fotografias. Caricaturas e charges também faziam parte da publicação. O material de impressão, papel couché, garantia a qualidade das imagens. As capas variavam entre fotografias de paisagens capixabas, de pessoas de destaque – em sua maioria mulheres – e ilustrações feitas à mão.

As fotos eram publicadas em papel acetinado e em uma só cor, retratando a elite, esportes, aspectos turísticos do estado, empreendimentos comerciais e, principalmente, políticos eminentes ou temas de interesse do governo (NOVAES, 2013, p. 36).

Ocupar a maior parte das capas (Figuras 1 e 2) do periódico é um indício do espaço significativo que as mulheres, em geral, ocupavam na revista, o que também é confirmado com Rangel (2011), ao apontar que, mais do que presença corrente nas capas e nas colunas sociais, essas mulheres tornar-se-iam, em finais dos anos 1920, colaboradoras da revista e vozes de um certo feminismo nascente em terras capixabas.

Figura 2 – Ilustração da capa da revista *Vida Capixaba*.

Figura 3 – Fotografia em capa da revista *Vida Capixaba*.



De modo mais amplo, a publicação reunia informações de cunho social,

Fonte: *Vida Capichaba*, 6 mar.
1930.

Fonte: *Vida Capichaba*, 14 mar.
1931.

econômico, político e cultural, locais e nacionais, o que, segundo Novaes (2013), fez dela uma referência importante para os leitores da época. Era uma revista repleta de imagens e de notícias de interesse dos governos, já que era subvencionada pelo Estado, de modo que, apesar de não se declarar como veículo político e do esforço para se colocar como independente, a revista

[...] se mantinha com a ajuda do governo, que contribuía em troca de reportagens enaltecendo as suas realizações. Assim, fotografias e matérias acerca de obras, inaugurações, sessões solenes, visitas e atos do Governo do Espírito Santo estavam sempre presentes. O custo de produção era alto e poucos anunciantes publicavam suas propagandas, tornando a vendagem e a subvenção recebida seus principais meios de subsistência (NOVAES, 2013, p. 33).

Mais especificamente, é possível encontrar em suas páginas notas na coluna social, propagandas, notícias sobre concursos de beleza, felicitações por aniversários e casamentos, anúncios de venda de produtos e serviços e registros sobre eventos diversos que movimentavam a alta sociedade naquele período. Ao longo das mais de três décadas em que circulou,

[...] a revista pôde retratar as diversas mudanças ocorridas na sociedade espírito-santense, desde as relativas às questões políticas até às determinadas pelos costumes, modas e comportamentos, tanto da elite, que

era o público que lhe interessava, quanto especificamente das mulheres (RANGEL, 2011, p. 102).

Em meio a essas questões, o impresso veiculou, também, notícias relativas à educação capixaba. As matérias pareciam atentas a “[...] tudo o que representasse a modernização e, nesse processo, era via de divulgação da escola activa” (BERTO, 2013, p. 72). Novaes (2013) informa ter encontrado temáticas diversas sobre a Educação, que categorizou da seguinte maneira: 1) sujeitos e práticas escolares; 2) presença do civismo nas escolas, envolvendo escotismo, paradas/desfiles escolares e Educação Física; 3) arquitetura escolar; e 4) discursos sobre a educação.

Como no periódico circulavam informações sobre pessoas com considerável prestígio social, e considerando a grande representatividade que se conferiu ao CSCP, não foi difícil encontrar os nomes (e sobrenomes) de boa parte das professoras que frequentaram o curso nas páginas da revista. Entre eles aparecem pelo menos doze professoras que participaram do curso, que também estava destinado a uma dada elite: a da educação capixaba.

Entre os nomes mais recorrentes, encontramos Juracy Machado, Lydia Besouchet e Ena Morgade Miranda. Em comum essas professoras tinham o fato de serem apresentáveis filhas dos estratos sociais médios ou da elite capixaba e de aparecerem juntas, em alguns momentos, na cena local, como costumava acontecer quando o tema eram os eventos beneficentes. De um deles, denominado *Grande festa músico-litero-teatral*, destinado a apoiar as obras de restauração da igreja de São Gonçal, participaram como organizadoras, juntamente com outra cursista do CSCP, Maria Amália Coutinho, em novembro de 1929.

Cumprindo seu papel de levar entretenimento e informações às suas leitoras, a revista *Vida Capichaba* abordava temas variados destinados às mulheres. Rangel (2011, p. 100) menciona, nesse sentido, algumas seções do periódico, quais sejam:

‘Cartas Femininas’, que abordavam vários assuntos destinados à mulher capixaba, indo desde a função de consultório sentimental até a de germinadora das ideias feministas; ‘Feminea’, que tratava especificamente de moda, conselhos de postura e notícias dos eventos mais expressivos ocorridos na sociedade vitoriense; ‘Alfinetadas’, seção que cobria os acontecimentos mais banais da vida social de Vitória como namoros, passeios, *flirts* e viagens. Sem falar dos concursos de beleza, das seções destinadas à publicação de fotografias das damas da sociedade espírito-santense, da ‘Pagina Feminina’, que expunha as últimas novidades no vestuário, além de todo o reclame publicitário que visava criar ou reforçar os hábitos de consumo das mulheres.

A *Vida Capichaba* foi responsável por organizar os maiores concursos de beleza no Estado. Um deles, de 1927, buscava “[...] a mais linda senhorita das que trabalham no commercio e nas repartições publicas, em Vitória” (GRANDE..., 1927, p. 16). Naquela ocasião, Juracy Machado, que estava entre as candidatas, tinha seu nome vinculado à Delegacia Fiscal onde, provavelmente, trabalhava naquele momento.

Alguns anos depois, a revista organizou o *Concurso do Sorriso* que, inspirado na mesma Juracy Machado, buscava, entre as moças, o sorriso mais bonito da cidade de Vitória. Entre as participantes da edição de 1930, estavam Maria Luiza Netto, Maria Amália Coutinho e a própria Juracy, que mais tarde passou a ser conhecida por fazer o epitáfio de pessoas falecidas em seu meio social, com “Bellas satyras... Boas injeções de paradoxos”, conforme noticiava a revista (JORNAL..., 1935, p. 18). Entre diversas aparições e vínculos com questões sociais, a professora integraria, em 1935, o grupo das *Damas de Caridade* – uma associação formada por mulheres que se dedicavam a realizar atividades beneficentes em Vitória.

O nome de Lydia Besouchet também foi amplamente mencionado na revista. A primeira referência localizada sobre ela foi em 1927, quando participou do chá de primavera no *Club Victória*. Em 1929 apresentou, ao lado de outras mulheres capixabas, a peça teatral *Amores de abat-jour* (Figura 3) e reapareceu em outras edições da revista, em notícias sobre a peça, que foi encenada mais de uma vez.

Figura 3 – Cena da peça *Amores de Abat-jour* (1929)¹⁴

¹⁴ Uma nota sobre a imagem publicada na revista diz: “Uma das scenas de ‘Amores de abat-jour’, da consagrada escriptora Maria Eugenia Celso, numero de grande efeito no festival da ‘Vida Capichaba’, realizado no teatro ‘Carlos Gomes’, na noite de 4 deste mez, com as senhoritas, da direita para a esquerda, Juracy Machado, Lydia Besouchet, Inah Figueiredo e Vera Larica” (PARA..., 1929, s./p.).



Fonte: PARA... (1929, s./p.).

Na coluna *Nossa Sociedade*, Lydia se destacava em uma foto que ocupava meia página do folhetim, com a seguinte legenda: “Senhorita, Lydia Besouchet, da elite social victoriense, fazendo o ‘Abat-jour’ na linda fantasia scenica da consagrada escriptora nacional Maria Eugenia Celso¹⁵, quando aqui esteve em fevereiro passado” (NOSSA..., 1930, s./p.). A matéria indicava que a peça, cuja encenação era compartilhada por outras mulheres, entre as quais Juracy Machado, chegou a ser encenada durante a passagem de sua autora por Vitória – onde esteve em excursão literária, em fevereiro de 1930 – e de quem recebeu rasgados elogios.

Nos anos subsequentes, suas incursões artísticas e, principalmente, literárias, começaram a ganhar mais espaço no periódico, onde passou a escrever, especialmente, sobre temáticas feministas. Em 1931, Lydia, que atuava como professora da Escola Normal D. Pedro II¹⁶, foi apresentada como uma das novas colaboradoras efetivas da revista, juntamente com Haydée Nicolussi e Ilza Dessaune. Dizia o texto:

¹⁵ Maria Eugênia Celso de Assis Figueiredo Carneiro de Mendonça (1886-1963) foi uma jornalista e escritora mineira que se mudou ainda criança para o Rio de Janeiro. Deixou contribuições para os campos do jornalismo, da cultura e da educação (AZEVEDO, 2015).

¹⁶ Cf. Rangel (2016).

Esses tão festejosos nomes, de três das mais riosas afirmações literárias femininas do Espírito Santo – estão no rol dos nossos colaboradores effectivos, a partir deste numero.

[...]

Lydia Besouchet, cuja penna irônica tece em trama subtil e luminosa, os mais interessantes commentarios, tem um talento polymorfo, que vae da eximia caricaturista á pensadora emotiva (HAYDEÉ..., 1931, s./p.).

Nos anos que se seguiram, diversos artigos seus foram publicados no periódico. Em novembro de 1933, foi listada entre outros 21 poetas capixabas que, se esperava, participassem do concurso literário promovido pela revista naquele ano. Seu nome figurava entre as quatro mulheres citadas na lista. De 25 inscitos anunciados em 1934, houve seis vencedores, entre os quais nenhuma mulher.

Salim (2009, p. 239), ao estudar as práticas de leitura desenvolvidas nas escolas capixabas na Primeira República, lembra de Lydia Besouchet a partir dessa sua vocação literária, do engajamento político e da “[...] profunda inquietação diante do provincianismo que marcava a vida na cidade de Vitória”. Em um de seus livros, intitulado *Condição de Mulher*, e publicado em 1947, quando ela já havia deixado a carreira docente e a cidade de Vitória,

[...] enfocou sua experiência juvenil com a chamada literatura cor-de-rosa e descreveu como se processou a transição do mundo da fantasia, povoado de heroínas para um novo momento de percepção da realidade que a circundava. [...] a autora também fez menção ao período da sua vida transcorrido a partir da década de 1930, momento em que ingressou na atividade política, combatendo o Governo Vargas e filiando-se à Aliança Nacional Libertadora. Em decorrência do seu engajamento político, foi obrigada a exilar-se, em 1937, no Uruguai (SALIM, 2009, p. 240).

Também figurava com frequência pelas páginas da revista *Vida Capichaba* a professora Ena Morgade Miranda. Era filha de Antonio Miranda, sócio de uma grande empresa, proprietária do Majestic Hotel. Aparecia, de tempos em tempos, em notas da seção *Futilidades* da revista, apenas para comunicar quais eventos frequentava, por onde circulava ou para comemorar seu aniversário. Fotos e notícias sobre sua vida eram publicadas em alguns momentos. Mais tarde, também fizeram circular notícias sobre seu noivado, casamento, nascimento de seus filhos e informações aleatórias sobre eles.

Soma-se a esse grupo de mulheres que frequentava as páginas da alta sociedade, a professora Maria Magdalena Pisa que, por vários anos, recebeu cumprimentos da revista pelo seu aniversário. Em 1925, era elogiada em um texto

de Ronald de Carvalho, pesquisador da História da Literatura Brasileira, que dizia as seguintes palavras sobre ela e sobre outros nomes capixabas: “Além destes, ha a geração que se levanta, a mocidade estudiosa que trabalha com carinho e com amor” (CARVALHO, 1927, s./p.).

A professora parecia mesmo interessada em Literatura. Em 1930, juntamente com Juracy Machado, convidou o periódico para assistir às conferências da escritora portuguesa Maria O’ Neil e o seu ilustrado discípulo José Pereira Lima. Mais tarde, em 1934, quando atuava como diretora do Grupo Escolar José de Anchieta, foi entrevistada pelos editores da revista, para uma matéria intitulada *Como pensa a mulher capixaba*. Naquela ocasião, Maria Magdalena foi questionada, em um salão de aula vazio, corrigindo as contas de dividir dos alunos, sobre o que pensava do ensino religioso na escola. Diferentemente de outras duas professoras, ela prontamente respondeu que discordava.

Algumas professoras para as quais voltamos nossos olhares integravam e/ou participavam de eventos realizados nos clubes da Capital. Os principais deles a figurarem na revista *Vida Capixaba* eram o *Club-Victoria*, onde aconteciam as festas, como bailes de carnaval, eventos beneficentes e de virada de ano, e o *Clube Saldanha da Gama*, que sediava os principais eventos esportivos da Capital. A este último, o nome de Rita Tosi Quintaes aparece vinculado, em 1935, como diretora de seu Departamento Feminino, composto também por Julia Lacourt Penna, Juracy Machado e Hilda Grijó (C.R... 1935, s./p.).

Para além da circulação dessas professoras no meio social, indícios sobre sua inserção em atividades beneficentes e, também, de sua atuação profissional são encontrados no jornal *Diario da Manhã*. Criado em 18 de agosto de 1907, em substituição ao *Jornal Oficial*, sob a chancela do Partido Construtor, tornou-se imprensa oficial do Estado em 1908, durante o governo de Jerônimo Monteiro, mas funcionava como um misto de imprensa oficial e noticiosa. Com isso, fez circular matérias que nos ajudam a compreender os caminhos percorridos pelas professoras.

No período que antecedeu a reforma da Instrução, aparecia nas colunas sociais desse impresso Rita Tosi Quintaes, recebendo congratulações por seu aniversário, mas, principalmente, como foco de notícias que tratavam dos espaços frequentados por ela em atendimento às demandas da profissão docente e por suas

inserções em trabalhos beneficentes. Em 1928, por exemplo, seu nome apareceu vinculado às alunas da Escola Normal D. Pedro II, onde atuava, em uma apresentação de ginástica ocorrida como parte do Grande Festival de Caridade, em favor de um orfanato. Em tons elogiosos, dizia a matéria:

A' frente das alumnas da Escola marcando a linda gymnastica, estava a figura respeitável da prof. d. Rita Tosi Quintaes, a quem se deveu a harmonia e o acerto com que se exhibiram as alumnas do D. Pedro II. No desfile, a marcha segura das alumnas despertava atenções. Houve mesmo comentários de admiração. Com a gymnastica elas vieram confirmar os applausos uníssonos, que foram dellas, como foram também para quem lhes guiou os passos (O GRANDE... 1928, p. 1).

Mais tarde, em 1931, o nome da professora era mencionado como participante da *Cerimônia de Domingo na Penitenciária da Pedra D'Água*, ocasião em que foi escolhida como uma das paraninfas dos que obtiveram liberdade condicional.

Entre as iniciativas humanitárias nas quais se envolveram, destaca-se, ainda, a criação de uma comissão formada por Juracy Machado, Custódia Gomes de Souza e Ilda Grijó, que se propôs a arrecadar donativos para as famílias dos soldados capixabas que foram enviados para a Revolução de São Paulo (1932).

Algumas dessas professoras também se envolviam com questões de saúde pública. Esse foi o caso de Hilda Pessoa Prado, Ilda Grijó e Maria Magdalena Pisa, que integraram a *Liga Espiritosantense contra a Tuberculose*, em 1935. Juntamente com Rita Tosi Quintaes, essas mesmas professoras participaram da *Sociedade Espiritosantense de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra* – uma associação que reunia voluntários para atuarem em ações de combate à doença e ajuda aos doentes da cidade de Vitória.

Os indícios até aqui apresentados nos levam a crer que, se boa parte das professoras investigadas não eram todas mulheres da alta sociedade, eram, pelo menos, circulantes nesses meios, por alguma razão.

Conhecer elementos da biografia e da inserção social das professoras que frequentaram o CSCP é, no nosso entendimento, importante para compreendermos quem eram essas mulheres e as possíveis razões de terem sido escolhidas a participar de um curso considerado tão importante. Apesar de os nomes de muitas delas aparecem com certa frequência na imprensa local, é preciso atentar para os

limites desse tipo de fonte: a revista *Vida Capixaba*, além da subvenção recebida do Estado, era um periódico que circulava em um meio específico. Colocando-se como impresso vanguardista, essa revista pretendia, ao mesmo tempo, fazer ver pessoas bem postas socialmente, o que por vezes significava, também, bem situadas financeiramente. Desse modo, a presença ou a ausência das professoras nessas páginas precisa ser considerada e analisada a contrapelo, como propõe Ginzburg (2002).

Nas páginas da *Vida Capixaba* não localizamos os nomes das professoras Enoé Rezende, Sylvia Neves, Diva Neves, Rita Monteiro Torres, Olavia Ramalho e Maria Durvelina Calmon. Maria das Dores Paoliello só aparece na revista nos números de 1926, em propagandas do Gabinete Cirúrgico Dentário instalado no Colégio do Carmo. As demais professoras apareceram uma ou duas vezes apenas. As razões podem ter sido múltiplas e suspeitamos que estejam vinculadas a questões diversas, entre as quais talvez seja possível considerar o local de residência e o pertencimento ou não à elite capixaba.

Importa observar que as professoras ausentes, ou pouco presentes na revista, aparecem com mais frequência no jornal *Diário da Manhã*, talvez porque nele circulassem mais as informações oficiais sobre a formação e a inserção profissional dessas mulheres, já que se tratava do principal veículo de propaganda dos feitos governamentais, além de ser o meio para realizar comunicações oficiais, o que fazia com que abrangesse acontecimentos dos diversos municípios do estado.

Como observamos nos registros localizados, as professoras participantes do CSCP seguiram realizando trabalhos e aparições na cena social capixaba após o curso, mas também na cena educacional e intelectual local.

Assim, as fontes até aqui analisadas oferecem um conjunto vasto e difuso de informações sobre essas professoras. São muitos espaços em branco (GINZBURG, 2002) nas e entre as fontes e os nexos precisam continuar a ser construídos. Ao mesmo tempo, entendemos que os impressos oferecem uma abertura para um olhar possível sobre essas mulheres, filhas da elite capixaba, cercadas de grandes privilégios, o que pode, de algum modo, ter sido motivo para escolha de algumas delas para participarem do CSCP. Por outro lado, a escolha também parece ter vínculo com a competência. Algumas dessas professoras já atuavam no Ensino

Normal e em escolas diversas e se destacavam pelas práticas e pela inserção política e acadêmica.

Na outra ponta, entretanto, encontravam-se outras mulheres a constituírem a maioria de profissionais em exercício nas escolas capixabas. Muitas delas sem qualquer formação e cujas trajetórias também precisam ser conhecidas.

Considerações finais

Este texto buscou investigar, a partir de vestígios contidos na revista *Vida Capixaba*, no entrecruzamento com outras fontes, elementos das trajetórias de vida das professoras que participaram do Curso Superior de Cultura Pedagógica, buscando compreender quem eram essas mulheres e como se inseriam social e profissional, profissional e intelectualmente, entre as décadas de 1920 e 1930.

As fontes analisadas indicam que elas se destacavam na sociedade espírito-santense. Algumas, por organizarem eventos religiosos e beneficentes, outras, por atuarem em peças teatrais, e outras, ainda, por participarem de concursos de beleza ou por terem um sobrenome “de respeito”, que estava, geralmente, associado à figura masculina: pai ou marido, característica de uma sociedade patriarcal, ao levarmos em conta que nos referimos à década de 1930.

Entre as continuidades e discontinuidades que envolveram os investimentos nos métodos ativos nas escolas, observamos que após a Revolução de 1930 ocorreram mudanças no cenário político nacional. Com a chegada de Getúlio Vargas à presidência da República, foram instituídos interventores federais para liderarem os estados brasileiros, sendo nomeado João Punaro Bley para o território capixaba. Com a saída do poder do então governador Aristeu Borges de Aguiar, toda a sua equipe também foi deposta, incluindo Attilio Vivacqua, o idealizador da reforma educacional com base nos princípios da escola ativa. O novo governo do Espírito Santo não deixou de investir na educação, mas também não deu clara continuidade ao que havia sido proposto e iniciado pelo governo anterior. De acordo com Lauff (2018), o Espírito Santo, sob o governo de Bley, “[...] foi fiel às diretrizes centrais de ensino no período que Vargas dirigia o Brasil” (LAUFF, 2018, p. 93).

Na problematização das fontes, que neste texto envolve, principalmente, uma parte da imprensa capixaba, é preciso atentar para o fato de que a *Vida Capichaba* era um periódico de cunho cultural e circulava em meios específicos, entre as camadas médias urbanas do Estado, especialmente. Tinha um público-alvo e pretendia veicular determinados discursos nesses meios. Entre esses discursos estavam os sentidos diversos de ser mulher daqueles tempos. Um sentido em mudança, como aponta Rangel (2011). Além disso, por ser subvencionada pelo governo, não raro era veículo de propaganda de seus feitos.

Conforme exposto anteriormente, o CSPC foi idealizado para formar um determinado modelo de professores, diretores e inspetores escolares – estes últimos, todos homens –, na perspectiva da Escola Nova, tendo em vista a reforma promovida. Assim, ainda que este texto não aprofunde elementos da inserção profissional dessas professoras, as fontes apontam que elas tiveram ampla atuação na sociedade local no período analisado, tendo promovido e participado de diversos eventos de cunho social e cultural e de iniciativas educacionais, que dialogam com as ideias da escola ativa, a que tiveram acesso no curso.

Diante disso, procuramos indicar elementos para a compreensão da inserção social e profissional de professoras capixabas que transitavam nos meios sociais cumprindo um papel que lhes cabia como mulheres daquele tempo, mas, também, ocupando espaços sociais e educacionais, contribuindo para a modernização da educação no Espírito Santo. Essa é uma pesquisa que tem, ainda, muitos caminhos a trilhar.

Referências

AZEVEDO, Carla Bispo. **Maria Eugenia Celso: entre o impresso feminino, a casa e o espaço público (1920-1941)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BERTO, Rosianny Campos. **A constituição da escola *activa* e a formação de professores no Espírito Santo (1928-1930)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

BERTO, Rosianny Campos; SIMÕES, Regina Helena Silva. O Curso Superior de Cultura Pedagógica (1928-1930) como estratégia de formação de professores e

difusão da escola ativa nas escolas capixabas. **Cadernos de História da Educação**, v. 15, n. 1, p. 398-421, jan.-abr. 2016.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

LAUFF, Rafael Flaiman. **Diretrizes para formação de professores espírito-santenses na antessala da ditadura do Estado Novo (1930-1937)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Quase 200: a imprensa na história capixaba**. Vitória: DIO, 2008.

NOVAES, Maria Anna Xavier Serra Carneiro de. **Os grupos escolares no Espírito Santo: “imagens” em circulação na revista Vida Capichaba (1930-1943)**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade do Espírito Santo, Vitória, 2013.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org.) **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 13-34

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. **Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950)**. 2016. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. **“Feminismo Ideal e Sadio”**: os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas – Vitória/ES (1924 a 1934). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SALIM, Maria Alayde Alcantara. **Encontros e desencontros entre o mundo do texto e o mundo dos sujeitos nas práticas de leitura desenvolvidas em escolas capixabas na Primeira República**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

Fontes

C.R. SALDANHA da Gama. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 29 jul. 1935.

CARVALHO, Ronald. A literatura na terra de Channan dentro de um seculo (1822-1922). **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 30 nov. 1927.

COMO pensa a mulher capichaba. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., s/d. 1929.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Decreto nº 9.750, de 30 de agosto de 1929**. Secretaria do Interior. Leis votadas pelo Congresso Legislativo do Estado do Espírito Santo: sessão ordinária de 1929. Vitoria: Oficinas do "Diario da Manhã", 1930.

ESPIRITO SANTO (Estado). Presidente de Estado (1928-1930: Aguiar). **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo na 2ª Sessão da 13ª Legislatura**. Vitoria, 7. set. 1929.

GRANDE concurso de beleza. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 13 out. 1927.

GRANDE festival da Vida Capichaba em benefício da reconstrução da igreja de São Gonçalo. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 21 nov. 1929.

JORNAL falado. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 15 nov., 1935.

MORAES, Deodato. **Pedagogia científica**. Vitoria: Oficinas do Diario da Manhã, s/d.

NOSSA sociedade. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 3 abril, 1930.

O GRANDE festival de caridade do ultimo domingo. **Diário da Manhã**. Vitória, p. 1, 12 jun. 1928.

PARA a igreja de São Gonçalo. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 5 dez. 1929.

HAYDÉE Nicolussi, Lydia Besouchet e Ilza Dessaune. **Vida Capichaba**. Vitória, s./p., 1-31 jan.1931.